

## Antiguidades romanas das vizinhanças de Nellas

Algumas pesquisas que fizemos nos arredores de Nellas, em companhia do nosso amigo sr. Annibal de Brito, academico da faculdade de philosophia, conduziram-nos á descoberta de vestigios interessantes, que convem assignalar aos que estudarem a archeologia romana da provincia da Beira.

No sitio do Moledo, a 900 metros para o sul de Nellas, em uma vinha do nosso amigo Sr. Dr. Manuel Ferreira Marques, notámos á superficie do solo, esparsos em uma área consideravel, abundantes fragmentos de telhas de rebordo e de telhas curvas, de dolios e outros grandes vasos romanos, e, em certos pontos, algumas pedras apparelhadas.

Abrindo dois poços, para sondar o terreno, um proximo de um pilar de granito que afforava o solo, e outro a alguns metros de distancia onde o desnivelamento dos terrenos nos pareceu muito suspeito, mostrou o primeiro que o subsolo era formado por entulho negro, carregado de detricτος vegetaes e de substancias carbonizadas, contendo grande quantidade de restos ceramicos, provenientes de telhas e dolios e de pequenos vasos romanos; e o segundo uma camada quasi superficial de entulho semelhante, que parecia ter descido do terreno superior (onde fôra aberto o primeiro poço) por occasião das plantações da vinha, e por debaixo d'esta camada uma outra de terra vegetal, que a 1 metro de profundidade parecia depositada pelas aguas fluviaes.

Abandonando o primeiro poço, para não alargarmos muito a área das excavações, que teriam de destruir numerosas plantas, embora a illustração e amizade do Sr. Dr. Ferreira Marques nos facultasse esse perdoavel vandalismo, concentrámos o trabalho no segundo onde fôra assignalada uma substrucção qualquer; e este poço foi convertido numa larga trincheira segundo o methodo que costumamos seguir nas nossas explorações.

A camada superficial de entulho negro forneceu um fragmento de *pondus* de tear, feito de barro, com dois orificios, muitos fragmentos de diversos dolios e de pequenos vasos de barro, assim como numerosos restos de *tegula* e *imbrex*.

Em alguns vasos meudos notámos o barro cinzento, muito puro, que temos encontrado em grande abundancia nas estações luso-romanas do concelho da Figueira; e em outros esse barro anegrado e impuro, mui grosseiramente trabalhado á roda, que temos visto não só nessas estações, mas nas que explorámos pelo Algarve. O mais interessante

fragmento é o que contém um largo bordo, voltado para fóra e plano, onde existe um entalho que parece destinado a escorrer o liquido.

A excavação pôs a descoberto uma curiosa peça de *torcularium* romano, aquella em que era recebido o liquido escorrido da prensa (*torcular*). Nós tínhamos lido em Rich que nos lagares romanos exhumados em Stabias (Italia) o liquido corria pelo pavimento inclinado da prensa para um grande vaso de barro meio soterrado, d'onde era em seguida retirado para as vasilhas. Por outro lado havíamos visto nas vizinhanças de Bensafrim (Algarve) um exemplar do *torcularium*, aberto no grés e disposto de modo que o liquido escorrido da prensa, que era montada em uma cuba rectangular, passava por um orificio para um recipiente circular, d'onde era retirado para as vasilhas; e junto ás famosas *thermas* do Milreu, em Estoi, ao norte de Faro, tínhamos examinado outro exemplar em que o fundo da cuba da prensa parecia feito com o *opus signinum* e era revestido com cimento, tendo uma especie de canal por onde o liquido escorria para um recipiente em fórma de vaso, soterrado e revestido com cimento. Mas o exemplar de Nellas era diverso: supprimia-se o recipiente, como vamos ver.

Quatro muros de alvenaria sêcca, mas em que entraram pedras mais ou menos aparelhadas e alguns tijolos, attingindo a altura maxima de 1 metro, formaram um recinto rectangular, medindo no comprimento 3 metros e na largura 2 metros. Este recinto ficava indubitavelmente em nivel muito inferior não só ao do pavimento da prensa, como era natural, mas ao do terreno que cercava o mesmo recinto pelos outros lados, pois que a elle se descia por uma escada, de que restam ainda dois degraus de pedra, junto a um dos angulos do edificio, no lado do sul. O primeiro degrau inferior, que manifestamente conserva as suas antigas dimensões, mede 0<sup>m</sup>,55 no comprimento, 0<sup>m</sup>,2 na largura e 0<sup>m</sup>,23 na altura.

O pavimento não era feito com o *opus signinum*, como nos edificios romanos que estudámos no Algarve. Faltava-lhe a argamassa. Sobre uma camada de calhaus rolados e de terra estava estendida outra camada de meudos fragmentos de telha e de tijolos, attingindo até 0<sup>m</sup>,1 de espessura, batidos e comprimidos a massa; especie de *pavimentum* que devia ter a denominação generica de *testaceum*, mas em que a ausencia de todo e qualquer cimento é novidade nas nossas explorações.

No muro occidental do edificio, muro que fórma um dos lados maiores d'este a 1<sup>m</sup>,2 da extremidade do norte e a 0<sup>m</sup>,75 a cima do nivel do pavimento, existia a *bica*, feita de uma lage bastante alongada, saliente da parede 0<sup>m</sup>,25, tendo aberto, a meio, um canal de 0<sup>m</sup>,7 de comprimento e 0<sup>m</sup>,07 de largura, com a secção semicircular, e que

estava coberto por uma telha curva. Por esta disposição é claro que o liquido corria directamente para as vasilhas; e uma lage saliente da parede, ao lado esquerdo da escada, a certa altura do pavimento, parecia indicar que serviria para apoiar as vasilhas que se retiravam cheias e poderem elevar-se até á cabeça ou hombros, a fim de serem transportadas para a *cella*.

O recinto da prensa, occupando nivel superior, apenas a 0<sup>m</sup>,3 da superficie actual do solo, estava, na maior parte, destruido pela plantação da vinha. Descobrimos os restos do envasamento de uma das paredes e do pavimento, encontrando no entulho muitas pedras soltas e alguns fragmentos de grandes vasos de barro; mas não levámos mais longe a exploração, para não destruímos o plantio.

Surprehendeu-nos sobremaneira o facto de o pavimento ser igual ao do recinto da bica. É evidente que o liquido não podia correr sobre elle, como corria nos dos lagares de Bensafrim e do Milreu que, sendo impermeaveis, não permittiam a infiltração. Como seria preparada a *area* ou espaço onde se espremiavam os restos das uvas, e por que meio era o liquido dirigido d'alli para a bica? Não sabemos. Em todos os entulhos extrahidos nenhum vestigio de argamassa de cal e areia ou de cimento.

Tambem não encontrámos dentro do recinto da bica pedras que pudessem ter pertencido ao alçamento do edificio. Esta circumstancia e o facto, já notado, de a camada inferior do entulho ter um aspecto sedimentar, indicando que o edificio, abandonado durante muito tempo, fôra lentamente entulhado pela acção das aguas pluviaes que desciam do poente e norte, fazem pensar se o edificio não se elevaria a cima do nivel do solo contiguo.

\*

No sítio dos Moledinhos, que fica para Leste d'esta estação, em uma encosta fronteira, informaram-nos que tambem existem abundantes restos cerâmicos iguaes aos do Moledo; mas preferimos ir encetar as explorações em Senhorim, d'onde nos haviam trazido um pêso de tear e algumas noticias animadoras.

Alli, num predio sito junto ao lugar da Ponte da Igreja, mostraram-nos uma cuba redonda de pedra, manifestamente romana, que devia ter pertencido ao *torcularium*, uma peça partida da *mola manuaris* e alguns fragmentos de telha de rebordo, que o proprietario havia encontrado soterrados.

No predio fronteiro, conhecido pela designação de *terra do Fidalgo*, encontrámos á superficie do solo um *pondus* de barro e numerosos

fragmentos de telhas romanas. Abertos alguns poços, para sondar os terrenos, só dois assignalaram no subsolo uma camada de entulho negro, carregado de carvões vegetaes, contendo restos de vasos, tijolos e telhas. Não encontrámos envasamentos de muros nem vestigios de *pavimentum*; mas a exploração provou que alli existia uma vasta construção, porque as pedras de alvenaria abundavam no entulho.

Os objectos aproveitaveis foram poucos. Colligimos tres pesos de tear, todos feitos de barro, um com fôrma trapezoidal e dois quadrilongos, medindo na espessura 0<sup>m</sup>,03 a 0<sup>m</sup>,037, no comprimento 0<sup>m</sup>,103 a 0<sup>m</sup>,11 e na largura 0<sup>m</sup>,07 a 0<sup>m</sup>,08. Dois tem um só orificio, e um tem dois. Um dos primeiros apresenta vestigios manifestos de uso porque parte da borda do orificio está gasta pelos fios que a suspendiam.

A abundancia d'estes objectos em certas estações romanas de Portugal parece indicar que se fazia largo uso do tear vertical, em que muitos pesos eram empregados para retesarem os fios da urdidura. As suas fôrmas não eram sempre semelhantes ás dos nossos exemplares.

O Museu Municipal da Figueira possui alguns, que lhe foram doados pelo sr. Dr. Pedro Augusto Ferreira, em que se nota a fôrma de uma pyramide truncada de base quadrada.

Nos fragmentos de vasos encontrámos pastas muito grosseiras, umas vermelhas e outras cinzentas ou pardas. Pelas fôrmas distinguem-se os restos de um pichel de bico e de alguns vasos que tinham externamente um largo rebordo horizontal, saliente do fundo.

É notavel que nós tenhamos restaurado parte de um vaso d'este typo com fragmentos recolhidos nas ruinas do pequeno povoado da Espadaneira, proximo do Cabo Mondego, que são em tudo semelhantes ás de Porto Saboroso, perto de Brenha, onde um ceitel de D. João II, encontrado no pavimento de uma das casas, nos permittiu fixar a epocha a que pertence<sup>1</sup>.

Esse vaso, que se acha exposto no Museu da Figueira, tem a fôrma de um alguidar e é furado em muitos pontos.

Será a reprodução de um typo romano, conservado tradicionalmente na olaria peninsular, ou uma peça genuinamente romana, encontrada pelos moradores da Espadaneira em alguma estação das proximidades, e para alli levada?

---

<sup>1</sup> A descoberta recentemente feita em Lirio, proximo de Brenha, de restos ceramicos semelhantes aos de Porto Saboroso e da Espadaneira, associadas a ceitils de D. Affonso V, confirma que esses povoados são do seculo xv.



Esta ultima hypothese não é inverosimil, porque nos entulhos das casas d'este povoado recolhemos fragmentos de outros dois vasos com feição romana e um pedaço de rebordo de *tegula*; objectos bem differentes do resto da ceramica encontrada nas mesmas ruinas e nos de Porto Saboroso, mas que ao principio nos fizeram attribuir erradamente as primeiras á epocha romana.

Os orificios nos vasos constituem um interessante problema da archeologia. Nós temo-los encontrado em louças neolithicas, nas louças lusitanas dos castros das vizinhanças da Figueira e nas de fabrica romana.

Tendo de occupar-nos detidamente dos seus diversos destinos, nos estudos que estamos preparando á cêrca d'esses castros, só notaremos aqui que os vasos com o corpo e fundo esburacados e que não apresentam vestigios de serem applicados ao fogo, como o da Espadaneira, são os que mais duvidas suscitam á cêrca do seu uso.

A ornamentação dos vasos, tanto quanto pôde apreciar-se por pequenos fragmentos recolhidos, é da mais singela. Consiste em linhas onduladas, em filetes contornando o bojo e guarnecidos de impressões que parecem feitas com os dedos, ou de pequeninas incisões traçadas com uma ponta qualquer, e ás vezes em linhas traçadas em ziguezague.

Nenhum fragmento d'essa ceramica a que, entre nós, alguns chamam *saguntina*, e a que em França se chamou *samiana*, mas que bons criticos reputam uma simples contrafacção romana da ceramica *aretina*; e, o que é mais notavel, nenhuma ceramica fina foi assignalada nos entulhos d'esta estação de Senhorim.

Como objecto de curiosidade recolhemos um pedaço de *tegula* com a impressão das patas de uma cabra, que sem duvida passara sobre a pasta quando ainda estava fresca.

\*

Fronteira a esta estação existe outra da mesma epocha, em uma encosta que fórma o predio do sr. Manoel Marques Serra do Amaral, de Villa Ruiva. Á superficie do solo abundam os fragmentos de telhas romanas, que a recente plantação da vinha espalhara em todos os sentidos. Contou-nos o proprietario que se havia encontrado alli um grande vaso, que os serviçaes partiram, assim como varios objectos de barro furados, que, pela descripção que nos fez, deviam ser pesos de tear, e duas pequenas mós dormentes de moinho.

Não pudemos explorar o sítio por causa das plantações, que seriam damnificadas. O proprietario offereceu-nos as duas mós; mas nós

sómente accetámos uma. Tem o diametro de 0<sup>m</sup>,39 e altura de 0<sup>m</sup>,11 a 0<sup>m</sup>,14. A superficie da trituração eleva-se para o meio em fórma de campanula, no centro da qual existe um orificio de 0<sup>m</sup>,027 de diametro e de 0<sup>m</sup>,035 de profundidade, destinada ao eixo.

\*

Não são estes os unicos vestigios romanos da região. De outros temos noticia em Villar Secco, nos predios do nosso amigo sr. Abilio de Brito Amaral, de Nellas, d'onde houvemos um pedaço de *tegula*, tendo um *sino-saimão* aberto na pasta, provavelmente com os dedos, quando ainda estava fresca.

A. SANTOS ROCHA.

---

### Grutas do Furadouro

Em 1880, por conta da Commissão dos Trabalhos Geologicos, foram exploradas duas grutas, no sitio chamado do Furadouro, na Serra do Montejunto.

Em Maio de 1894 o Sr. Antonio Maria Garcia, do lugar de Pragança, deu, particularmente, noticia da existencia de outras duas grutas situadas no Furadouro, e tendo elle feito ali uma pesquisa, colheu, na camada de terra vegetal, que superficialmente constituia o solo, fragmentos de ceramica muito ornamentada, ossos humanos, dois cranios fragmentados, ossos de animaes, uma faca de silex, e dois machados neolithicos.

Em vista d'esta informação, em Setembro de 1894 recebi incumbencia da Direcção dos Trabalhos Geologicos, para proceder á exploração d'estas grutas, sendo acompanhado pelo Sr. Antonio Maria Garcia, que sempre me prestou valiosa coadjuvação.

#### 1. Topographia

O massiço calcareo de Montejunto é limitado a SW. pela portella de Villa-Verde, e ao NE. é cortado por uma depressão chamada o Furadouro, que passa entre o ponto culminante da Serra e o monte em cujo topo se levanta o signal geodesico do Espigão. Esta depressão constitue um valle, de vertentes alcantiladas, que vae descendo de